

**R** **ESENHA**

**DYAL, Mark. *Hated and proud: ultras contra modernity*. London: Arktos. 2018. Epub.**

## **Contramodernidade Ultra e Conflito no Futebol Contemporâneo<sup>1</sup>**

Ultras Conter-Modernity and Conflict in Contemporary Football

**Vinícius Teixeira Pinto**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

### **RESUMO**

*Hated and Proud* é resultado da etnografia de Mark Dyal com grupos de torcedores Ultras da Roma, tradicional clube do futebol italiano. O trabalho apresenta detalhadamente os elementos da presença desta modalidade de torcer nos estádios daquele país, bem como outros aspectos de sua experiência em esferas mais cotidianas da vida. Além disso, destrincha conceitos e categorias próprias desses torcedores com o propósito de pensar os valores que conformam sua moralidade. No panorama teórico, o autor propõe uma abordagem da política nesses grupos para avaliar como se relacionam com torcedores rivais, com Estado e demais agentes do mundo do futebol, o que revela sua condição contra-Moderna. O livro, publicado em 2018, até o momento passou despercebido pelo público brasileiro, no entanto insere um quadro teórico capaz de renovar o interesse a respeito das torcidas organizadas de futebol no país e suas práticas do torcer.

**Palavras-chave:** Ultras, Torcedores, Futebol, Política.

---

<sup>1</sup> Este trabalho contou com o apoio de uma bolsa CAPES de doutorado.

---

Recebido em 08 de fevereiro de 2021.  
Aceito em 19 de fevereiro de 2021.

---



## ABSTRACT

*Hated and Proud* is the result of Mark Dyal's ethnographic research with the Roma's Ultras supporters. This work presents in detail the performative components of this modality of cheering in the stadiums around that country, as well as other traits of their everyday life experience. In addition, the book unravels the Ultras' categories aiming to reflect about the patterns and senses that conform their morality. From the theoretical point of view, Dyal proposes to approach the political issues in these groups with the purpose of making visible their social relations with their Others: other fans, the State, and any other agents in football, unveiling their counter-Modern condition. Published in 2018, this work went unnoticed by the Brazilian public although it introduced a theoretical framework that could renew the interest on fan groups and its practices of supporting based in Brazil.

**Keywords:** Ultras, Supporters, Football, Politics.

No momento em que a agenda dos estudos antropológicos e sociológicos das torcidas organizadas de futebol se mostra consolidada no Brasil, seus pesquisadores se deparam com um quadro ambíguo: as questões elementares — quem são, como surgiram e o que fazem esses torcedores — foram amplamente reportadas<sup>2</sup>. Para os novos investigadores, o ponto de partida, em relação aos pioneiros, é outro, mais adiantado, dispondo tanto de fontes como de teorias sobre o tema. Por consequência, justificar trabalhos vindouros depende da originalidade do objeto de estudo, da formulação de novos problemas de pesquisa, em suma, da proposição de questões que ainda não foram teorizadas. Neste sentido, a leitura de *Hated and Proud* de Mark Dyal pode não apenas transportar os pesquisadores brasileiros para outro contexto nacional das práticas do torcer, como também induzir justamente à formulação de perguntas capazes de renovar a área de estudos.

O livro é resultado da inserção do antropólogo estadunidense entre os torcedores Ultras da Roma, um dos clubes mais populares do futebol italiano, durante o ano de 2007, tendo sido publicado uma década mais tarde. O fio utilizado para conduzir o leitor advém de uma proposição ousada, lançada ainda nas primeiras páginas do texto: trata-se de uma obra sobre a guerra. Sua hipótese é a de que a violência praticada por estes torcedores é balizada por uma espécie de

<sup>2</sup> Neste sentido, *Torcidas Organizadas de Futebol*, de Toledo (1996), é um marco para o reconhecimento à relevância do tema. O livro consiste em sua dissertação de mestrado, premiada e publicada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). Para um balanço recente das demais pesquisas no Brasil. Cf. Teixeira & Hollanda (2018).

consciência política influenciada por ideias contrailuministas ou contramodernas.

A aposta teórica, que nos sinaliza a necessidade de pensar por meio da política, está relacionada a dois eventos críticos vivenciados ao longo da pesquisa naquele país: os homicídios de Filippo Raciti, policial morto em meio a um tumulto entre torcidas na Sicília; e de Gabriele Sandri, torcedor da Lazio, assassinado em confronto com torcedores rivais, porém devido a um disparo da polícia.

Retomando os trabalhos anteriores, Dyal percebe o predomínio de uma interpretação da violência torcedora tributária de Bataille (1997), isto é, como teatralização, como fruto de uma interrupção da vida corriqueira capaz de achar as diferenças entre sagrado e profano. Esta proposta trata o futebol como um ritual carnalizado e, por consequência, um espaço de liberação das interdições cotidianas — incluindo a violência dos confrontos entre torcidas — e é reproduzida por Bromberger (1995), etnólogo francês que influenciou grande parte dos estudos sobre os torcedores Ultras na Europa continental.

A originalidade de *Hated and Proud* se deve em grande medida à revisão desta ideia. Dyal considera que os dois assassinatos ocorridos naquele ano sugerem que a compreensão metafórica da guerra não dá conta do fenômeno. O conflito seria — em vez de uma suspensão da ordem como defenderam outros pesquisadores do *calcio*<sup>3</sup> — a própria condição da “existência Ultra”, esta concebida como modo de torcer que busca permanentemente as situações de antagonismo por via da produção de “outros” possível por meio do futebol. Ou, em uma releitura de Turner (1979), o autor afirmaria que estes elementos formariam a base da *communitas* desses torcedores. Em outras palavras, conflito e antagonismo proporcionariam uma antiestrutura social que, pela oposição, une os torcedores a uma estrutura social maior à qual se pertence.

Para sustentar o argumento, Dyal se move entre duas frentes ao longo dos capítulos que compõem a obra: por um lado, apresenta as práticas e os sentidos daquilo que considerará uma “forma de vida”, para tanto mobiliza a experiência etnográfica vivida em Roma, os relatos de interlocutores e o uso de fontes documentais; por outro, pensa estas práticas em seus vários âmbitos em conjunto com a crítica da Modernidade e com o pensamento contrailuminista do século XX:

Franco Ferraresi has studied the post-war Right in Italy and concluded that, although the Far Right is often in organizational disarray, Counter-Enlightenment thought is still popular there, as are the Counter-Enlightenment philosophical traditions of Friedrich Nietzsche and Julius Evola. This thought

---

<sup>3</sup> Roversi (1990) e Dal Lago (1990) são dois autores contestados pela revisão de Dyal principalmente por atribuírem à guerra uma função metafórica.

carries with it, in his words, “nationalism, chauvinismo, ethnocentrism, and xenofobia [...] frequently couched in the terms of rescuing the original identities [that are] threatened by the encroachment of globalization [and] the Americanization of culture” (DYAL, 2018, s/p).

Sua proposição da “contramodernidade Ultra” é apresentada nos dois primeiros capítulos do livro, quando somos introduzidos aos grupos romanistas da *Curva Sud*<sup>4</sup>, que são efetivamente os protagonistas da obra. Essa forma de organização torcedora data dos anos 1960 e agrega até 2 mil membros. São reconhecidas pelas performances festivas do torcer, pela compreensão da política e pelo conjunto de valores que, para o autor, os define, a saber: a *mentalità*, uma categoria nativa que orienta a moralidade Ultra; a aproximação política ao fascismo e sua rejeição da Modernidade; a adoção de uma vida agônica voltada para a reprodução da guerra; e a oposição ao “futebol moderno”, bem como à globalização. Além disso, destacam-se em relação aos demais torcedores pelo *fare tifo*, expressão de difícil tradução, mas que indica a capacidade de torcer, cantar e demonstrar apoio nas condições mais adversas, principalmente nas derrotas e nas partidas como visitante, que dispendem tempo e dinheiro e, muitas vezes, os expõem a situações de risco.

No terceiro capítulo, Dyal consegue destrinchar componentes dessa *mentalità*, que em páginas anteriores já havia classificado como uma “ideologia”, uma “visão de mundo” que comporta a agressividade e a hostilidade, e funciona como um marcador da diferença para seus “outros” mais próximos, isto é, os demais torcedores (DYAL, 2018, s/p). Ele acrescenta a valorização da honra, do sacrifício e da glória como parte dos *antichi valori* presentes no que seria a moralidade Ultra, alimentada por uma história monumental, conforme definida por Nietzsche (1997), que celebra miticamente antigos torcedores, heróis e batalhas. Para o autor, essa historicidade opera sempre no sentido de produzir uma história no tempo presente sem ter uma necessária preocupação com a investigação do passado (DYAL, 2018, s/p).

O quarto capítulo toca na questão do Estado e da legitimidade da violência e aborda aquele que, poderíamos dizer, é o *insight* mais poderoso do livro, dado que, por meio desta comparação, visibiliza a contramodernidade presente na política Ultra. Neste ponto, Dyal retoma ao postulado weberiano que qualifica o Estado como monopolizador do emprego legítimo da violência. No futebol, combina-se a isso uma moralidade que o autor enquadra como liberal ou burguesa, reproduzida pelos meios de comunicação e pelos demais torcedores que recriminam os usos ilícitos dessa.

---

4 A Curva Sul é o setor do Estádio Olímpico de Roma que comporta os grupos Ultras da Roma.

A despeito dessa “moral burguesa”, os torcedores Ultras disputam com o Estado a legitimidade do monopólio sobre o emprego da violência. Conforme vimos, sua *mentalità* não desvaloriza o uso da força. Pelo contrário, as rivalidades, o antagonismo e a agressividade são constitutivas de uma forma de vida que aprecia o sacrifício, a dor e o heroísmo. Neste ponto, Dyal considera a violência como marcador da distinção com o modo de vida burguês e sua moralidade de paz, tolerância e inclusão (DYAL, 2018, s/p), em uma postura crítica da modernidade semelhante à apontada por Nietzsche. Não por acaso tal resgate ideológico da ordem, da hierarquia, da disciplina e do *squadrismo*<sup>5</sup> faz com que Dyal os aproxime aos grupos fascistas italianos da primeira metade do século passado.

As semelhanças ideológicas ao fascismo não se encerrariam aí. Nos dois capítulos a seguir, Dyal recorda que, do ponto de vista estético e performativo, os Ultras resgatam os valores da Antiga Roma e reproduzem um sentimento tradicional de *romanidade*. De acordo com Dyal, a coincidência da referência ao classicismo se relaciona com ao resgate de certos princípios, a saber: coragem, força espiritual, disciplina, lealdade, fé e outros. A guerra, por sua vez, se mostra a principal maneira de interação com seus outros (principalmente Ultras rivais e as forças do Estado). Em uma visão romantizada da guerra, esta promove o comprometimento individual com uma comunidade de sentimento e reforça os valores citados de honra, glória, sacrifício e heroísmo no grupo (DYAL, 2018, s/p).

Nos últimos dois capítulos, o autor analisa os posicionamentos políticos destes torcedores quanto a questões mais amplas. Segundo ele, a celebração do tradicionalismo é atualizada ainda enquanto recusa dos processos históricos que, a partir das últimas décadas do século XX, têm globalizado, padronizado e comodificado o esporte e que vêm sendo denominado, em diferentes contextos nacionais, de “Futebol Moderno”. Os Ultras, embora também desejem ver seus times com condições de competir internacionalmente, entendem que o avanço da indústria do futebol – por meio da entrada de capitais estrangeiros e de vultosos contratos televisivos – é corrosivo para seu estilo de vida, visto que reterritorializa seus clubes, forma comunidade globais de torcedores sem vínculo com suas cidades e faz com que o jogo deixe de ser local e artesanal e se torne multinacional e standardizado.

Neste ponto da obra, talvez mais do que em outros, sintamos falta de uma perspectiva em diacronia capaz de fornecer dados para compreender como esse processo histórico foi afetando ou inclusive modificando a experiência dos torcedores. Dyal chega a enumerar macroeventos que provocaram o quadro de globalização do futebol (o televisionamento, os novos pa-

---

5 Grupos paramilitares que, no período fascista, agiam na intimidação ou repressão de adversários políticos.

trocinadores, as leis trabalhistas voltadas para jogadores estrangeiros etc.), porém não nos traz as transformações na microescala. Seu texto, de um modo geral, se restringe demasiadamente às circunstâncias sucedidas durante o período da pesquisa, ainda que a publicação do livro tenha ocorrido alguns anos depois. Como leitores, ficamos reféns do retrato elaborado sobre os Ultras de então sem conhecer os processos que os produziram, o que nos causa uma sensação de tempo perpétuo.

Apesar disso, *Hated and Proud* consegue aportar uma variedade de problemas referentes ao futebol, alguns deles já debatidos em nosso contexto acadêmico, por exemplo as identidades locais e as torcidas (cf. DAMO, 2002) ou ainda a reação destas à comodificação do esporte (cf. SIMÕES, 2017). Outros problemas, menos explorados, abrem caminhos sobre terrenos desconhecidos. O protagonismo dado à política, tema historicamente negligenciado, para pensar a guerra oferece nova compreensão da questão e afasta-se da análise da violência pelos componentes identitários, caminho preferencial para a literatura britânica (GIULIANOTTI *et al.*, 1994), ou pela teatralização, como vimos. Esse enquadramento nos obriga a olhar para o funcionamento político destas sociedades torcedoras e nos permite pensar desde um quadro — pouco vislumbrado no esporte — da antropologia política.

Sem temor, portanto, pode-se afirmar que a maior qualidade de *Hated and Proud* reside na originalidade de sua proposta teórica. Avaliando que escreve um livro sobre a guerra, Dyal consegue tirar o fenômeno guerreiro do nível da metáfora e transformá-lo no cerne da forma de vida Ultra, um modo de existência voltado ao agonismo. Ao trazer a discussão para estes termos, quem sabe possamos adentrar as disputas de poder não só nas torcidas, mas também nos clubes e nas instituições que organizam o futebol.

## REFERÊNCIAS

1. BATAILLE, G. The Festival, or the Transgression of Prohibitions. *In*: BOTTING, F.; WILSON, S. (org.). **The Bataille Reader**. Oxford: Blackwell, 1997. p. 248-52.
2. BROMBERGER, C. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1995.
3. DAMO, A. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade UFRGS, 2002.
4. DAL LAGO, A. **Descrizione di una battaglia**. Bologna: Il Mulino, 1990.
5. GIULIANOTTI, R *et al.* **Football, Violence and Social Identity**. London: Routledge,

- 1994.
6. NIETZSCHE, F. **Untimely Meditations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
  7. ROVERSI, A. Calcio e violenza in Italia. *In*: ROVERSI, A. (org.). **Calcio e violenza in europa**. Bologna: Il Mulino, 1990.
  8. SIMÕES, I. **Clientes versus rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
  9. TEIXEIRA, R.; HOLLANDA, B.. Brazil. *In*: WAELE, J.-M. *et al.* (org.). **The Palgrave International Handbook of Football and Politics**. Cham: Palgrave Macmillan, 2018. p. 485-503.
  10. TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.
  11. TURNER, V. **Dramas, Fields and Metaphors: Symbolic Action in Human Society**. Ithaca: Cornell University Press, 1979.

*Vinicius Teixeira Pinto*

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2015). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria (2011). Membro do Grupo de Antropologia da Economia e da Política. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3412-0719>. E-mail: [viniciustxp@gmail.com](mailto:viniciustxp@gmail.com).